

FÉ E RAZÃO
O DISCURSO RELIGIOSO-FILOSÓFICO
NA PERSPECTIVA DO CRISTIANISMO

IZIDORO, Antônio Eduardo

R.U. 1157387

Professora Orientadora: Lucília M.G.A. Bonfim

RESUMO

A presente pesquisa é resultado de análise de obras bibliográficas, na intenção de investigar a possível conexão entre a fé e a razão na pós-modernidade, na perspectiva da religião cristã. A partir da observação dos aspectos teóricos, clássicos e contemporâneos do discurso filosófico sobre a fé e a razão, procurou-se, verificar o nível em que se relacionam e qual seria a contribuição destas duas formas distintas de conhecimento – fé e razão, para a formação do cidadão amadurecido. O estudo da pesquisa é de natureza bibliográfica, e foi desenvolvida na temática Filosofia da Religião. A pesquisa investigou o porquê do debate sobre o binômio fé e razão, sob a égide das duas escolas da época: a Patrística e a Escolástica. Debate este que girou em torno da disputa entre os ideais cristãos e o pensamento moderno, qual seja, pensamento pautado na racionalidade e na experiência sensível. Depois da investigação sobre o significado de religião, fé e razão, verificou-se, que não há consenso. E que o fenômeno religioso é inato ao ser humano e é também universal. O que também se verificou foi o tímido progresso da harmonia entre a fé e a razão na pós-modernidade, em pleno século XXI, embora haja alguma concordância entre crentes e ateus, muitos nutrem a diferença entre fé e razão e não aceitam que elas se complementam. E isso, é uma porta aberta para a intolerância, alimento do preconceito e do racismo.

Palavras-chave: Fé, Razão, Cristianismo.

1 INTRODUÇÃO

A fé e a razão, objetos da presente pesquisa, se tornaram ao longo dos séculos tema bastante significativo para a disciplina de Filosofia. De um lado a fé, um dispositivo inerente ao ser humano que, independentemente da cultura em que esteja inserido, a exerce. De outro lado, a razão, o pensamento crítico que o indivíduo desenvolve no intuito de desvendar a verdade na sua essência.

Os objetivos da presente pesquisa foram a análise da possível relação de conexão entre a fé e a razão na pós-modernidade sob o prisma da doutrina cristã, a apresentação de maneira sucinta dos aspectos teóricos, clássicos e contemporâneos do discurso filosófico sobre a fé e a razão, a verificação do nível em que se dá a possível relação entre o binômio fé e razão e a verificação da contribuição destas duas formas distintas de conhecimento – fé e razão para a prática do ensino religioso, visando a construção do cidadão amadurecido espiritualmente.

Este trabalho se utilizou da temática fé e razão por se tratar de questões que foram levantadas ao longo da formação acadêmica do pesquisador no curso de Licenciatura em Filosofia, considerando os pressupostos da fé e também da razão pontuados por alguns padres filósofos da idade média, chamados, pais da Igreja e por pensadores da idade moderna e contemporânea.

Desde os tempos da chamada idade média, dando destaque para as duas escolas filosóficas daquela época; a Patrística e a Escolástica, que o interesse dos pesquisadores das áreas de filosofia e de religião, pelo tema específico, vem aumentando significativamente.

Esse interesse dos pensadores, dos pesquisadores da área da fé e também da razão ou ciência, nem sempre foi pautado no respeito e na consideração. Na verdade, a discussão, o debate muitas vezes gerou crises e conflitos acentuados.

Portanto, a pesquisa veio no intuito de colaborar para que os pesquisadores juntamente com os professores dessas áreas, possam escrever em tempos pós-modernos, uma história diferente. Que estes professores possam refletir sobre as suas práticas pedagógicas, com o conhecimento e o emprego da metodologia baseada no diálogo e na tolerância, visando sempre a formação de pessoas conscientes dos valores éticos, morais e espirituais.

A presente pesquisa trouxe em seu escopo um resumo de definição de religião, e com o mesmo entusiasmo, o pesquisador procurou também de forma resumida, trazer alguma definição de fé e também da razão.

Na sequência do trabalho desta pesquisa, foi abordada de maneira sucinta, a questão da relação entre a fé e a razão, apresentando os resultados. Em seguida apresentou a metodologia utilizada, bem como as considerações finais e as obras consultadas, as referências bibliográficas.

2 FÉ E RAZÃO NA PERSPECTIVA DA RELIGIÃO CRISTÃ

O binômio fé e razão tem sido forte motivo de debates desde os tempos chamados de Idade Antiga, perpassando a era medieval, os conflitos se intensificaram a partir das ideias renascentistas que, segundo Engelmann e Trevisan (2015, p. 102), “caminhava para a modernidade, voltada para a investigação e a observação”.

Ainda de acordo com os autores Engelmann e Trevisan (2015), os cientistas que se destacaram naquela época, final da idade média e início da idade moderna, entre outros foram: Giordano Bruno, Copérnico, Johannes Kepler, Galileu, e Isaac Newton.

Em um tempo de domínio do saber pela igreja, ou seja, as pessoas não tinham liberdade para se expressar enquanto pesquisador, então cada um destes cientistas teve papel importante para a mudança de perspectiva de pensamento, recusando o dogmatismo e buscando o conhecimento científico” (ENGELMANN; TREVISAN, 2015, p. 102).

As ideias destes filósofos cientistas contrariavam a Igreja Católica que pretendia manter os seus dogmas, por isso, esta instituição instalou o chamado Tribunal da Inquisição, este, por sua vez, foi o algoz daqueles que se opunham à religião, de acordo com Engelmann e Trevisan (2015).

Contudo, aos poucos o pensamento moderno se desenvolveu e conforme Engelmann e Trevisan (2015), se fortaleceu com os pressupostos da ciência que se baseou na matemática, na filosofia, na física e na mecânica, com isso, aperfeiçoando e consolidando o renascimento do pensamento racional. Agora, o conhecimento estava sob a égide do movimento chamado racionalismo.

E para os autores Engelmann e Trevisan (2015);

A grande referência do racionalismo é o matemático e filósofo **René Descartes** (1596-1650), também considerado o fundador da filosofia moderna. O ponto de partida do conhecimento para Descartes está na dúvida. À medida que se coloca tudo em dúvida, são lançados questionamentos sobre a realidade para, a partir deles, buscar algo sobre o qual se tenha certeza (ENGELMANN; TREVISAN, 2015, p. 102).

Em meio àquela efervescente onda de pensamentos modernos, é óbvio que suscitaria oposição ao racionalismo, e foi o que aconteceu, segundo os autores Engelmann e Trevisan (2015, p.107), “Como não há verdade única, obviamente o racionalismo não trouxe respostas para todos os problemas do conhecimento. Foi apenas uma forma de perceber e explicar a realidade”.

Assim, nasce o empirismo pautado na experiência sensível, contrariando o racionalismo, que como já se viu, busca o conhecimento a partir da razão conforme Engelmann e Trevisan (2015).

Para Engelmann e Trevisan (2015, p. 107), “Os principais representantes dessa corrente de pensamento”, o empirismo, “foram Francis Bacon, Thomas Hobbes, John Locke, George Berkeley e David Hume”.

De um modo em geral, os ideais renascentistas (modernos), de certa forma contraria os ideais cristãos daquele momento, uma vez que, os pensamentos dos cientistas estavam voltados para a explicação da realidade a partir da razão e não mais somente pela fé.

Ainda nos dias atuais, na pós-modernidade, parece não haver um consenso a respeito da possível relação, da harmonia entre a fé e a razão. Percebe-se que há uma ideia de contradição pré-concebida no inconsciente de muitos.

Porém, Pasquoto (2015), cita o Concílio Vaticano (1869-1870) que ressalta a definição da questão dizendo que as verdades, tanto da fé como da ciência, não podem nunca entrar em contradição. Porque na verdade, elas se complementam, a fé depende da razão e vice-versa.

A fé, assim com a razão, tem suas características específicas bem definidas, Pasquoto (2015) cita o físico Marcelo Gleizer, que dá uma ideia dos papéis de cada uma destas áreas do conhecimento, ele diz que “é importante fazermos uma distinção entre o que a ciência pode e o que a ciência não pode tratar”, ou seja, “a ciência deve reconhecer seus próprios limites. A religião, também” Pasquoto (2015, p. 22).

O pensamento pós-moderno às vezes incomoda aquele que entende uma cosmovisão da racionalidade, mas que possui uma mente crente. Sobre isso, Neto (2012, p. 164) diz que, “no seio cristão, apesar de alguma discordância, há certa concordância sobre o tema. Geralmente defende-se uma valorização superior da fé sobre a razão, não a extinção desta ou daquela”.

2.1 RELIGIÃO

Esta pesquisa obviamente não teve a intenção de elencar os diversos tipos de religião, também não ousou aprofundar na filosofia da religião e nem tampouco procurou esgotar as definições do termo religião, até porque ao longo de tal pesquisa, se percebeu que, embora o fenômeno religioso seja universal, como afirma Pasquoto (2015), não há consenso sobre o seu significado e etimologia.

Segundo Neto (2012), a palavra religião em português, é derivada do latim “*religio*” e significa “lealdade, consciência do dever, escrúpulo religioso, obrigação religiosa, fidelidade ao dever, culto religioso e prática religiosa” (NETO, 2012, p. 17).

Corroborando com Neto (2012), Pasquoto (2015) aponta que a religião é de um conjunto de práticas e de rituais que vão se perpetrando de geração em geração e “auxilia na aproximação com o sagrado (Deus, o absoluto, Força Superior). É uma manifestação exterior das crenças, por exemplo, através da frequência aos serviços religiosos” (PASQUOTO, 2015, p. 14).

Para Pasquoto (2015), a palavra religião também vem do latim *religare*, que tem o significado de, ligar de novo. O autor enfatiza que a “principal função da religião é criar um vínculo entre o ser humano e o ser transcendente, entre a criatura e o Criador” (PASQUOTO, 2015, p. 14).

Desse modo, nesse trabalho de pesquisa, se percebeu que não há consenso quanto ao significado da palavra religião.

A religião sempre fez parte da vida do ser humano, “desde os tempos mais remotos, desde o dia em que o *Homo sapiens* se entendeu como gente, ele se revelou também *Homo religiosus*” (PASQUOTO, 2015, p. 9, *itálico do autor*). Ou

seja, desde a sua existência a humanidade vem cultivando essa prática – a da religião, que por sua vez, demanda fé.

Pasquoto (2015), pontua ainda que, “a história das religiões comprova que não existiu e nem existe nenhum povo ou tribo sem religião ou sem qualquer tipo de espiritualidade. O fenômeno religioso é universal”, afirma (PASQUOTO, 2015, p. 9).

Embora a religião sendo parte integrante em todas as sociedades de todos os tempos, houve muitas tentativas de eliminá-la, conforme declara Pasquoto (2015), dizendo que;

Na história da humanidade houve tentativas para abolir a religião. Talvez a principal de todas tenha sido o marxismo que tentou acabar com ela por decreto, à força. Mas não conseguiu. Depois que o comunismo caiu, a religião voltou com vigor na União Soviética e em outros países que haviam adotado o marxismo (PASQUOTO, 2015, p. 11).

O fato é que, ainda segundo Pasquoto (2015), a religiosidade continua bem viva em todo o mundo, e isso, confirmado por estatísticas.

2.2 FÉ

A pesquisa mostrou que a fé – instrumento da religião e da espiritualidade é também de difícil definição. A pesquisa mostrou ainda que estão sempre juntas, a fé, a religião e a espiritualidade, e entrelaçadas, são interdependentes. Portanto, “ninguém seria religioso sem a fé” (PASQUOTO, 2015, p. 17).

Verificou-se uma grande dificuldade de definir em poucas palavras o que seria exatamente a fé. Segundo Pasquoto (2015, p. 17), “Não é fácil definir a palavra fé, pois ela traz em si vários elementos, abrangendo o intelecto, a vontade, os sentimentos, e o comportamento”.

Porém, contudo, o autor arrisca uma definição para a fé dizendo que é “uma experiência subjetiva que nasce e cresce quando a pessoa se abre a um ser transcendente, isto é, alguém que está além, em outro mundo, e que estabelece um relacionamento conosco de amizade e dá sentido a nossa vida” (PASQUOTO, 2015, p. 17).

A Bíblia Sagrada, livro da religião cristã, diz na Carta aos Hebreus, no capítulo onze e versículo um o seguinte: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem” (ALMEIDA, 2008, p. 1592)

Nas palavras de Pasquoto (2015, p. 18), “Ter fé não é nada mais do que, na escuridão do mundo, tocar a mão de Deus”.

2.3 RAZÃO

Segundo o dicionário da língua portuguesa Bueno (1996), razão é a faculdade própria do homem de conhecer, pelo espírito, a distinção das ideias e das coisas.

A palavra razão está geralmente, acompanhada de duas outras, ciência e filosofia, esta, nasceu na Grécia antiga conforme Chauí (2000), e, segundo a autora, surgiu como uma tentativa de superar os obstáculos originados de uma fé cega em narrativas poéticas de Homero e Hesíodo.

Chegando a idade média, período que compreende entre os séculos V e XV, o pensamento voltou-se para a teologia, conforme Engelmann e Trevisan (2015). “O pensamento filosófico medieval muda de foco se comparado ao pensamento antigo” (ENGELMANN; TREVISAN, 2015, p. 74).

Por mais que a escola patrística, escola medieval, empenhou esforço para aproximar a fé da razão, para Engelmann e Trevisan (2015), tudo foi feito com um objetivo específico, o de solidificar o teocentrismo, a fim de reforçar a religião cristã na sociedade.

Agostinho, representante da patrística, chamado pela Igreja Católica de Santo Agostinho, também se apropriou da filosofia platônica de acordo com Almeida (2015), porém dá a ela outra configuração, assim, o ilustre representante do cristianismo nesse momento, subordina a razão à fé, compreendendo que a razão depende da fé e nela deve fundar-se.

Contudo, embora fosse muito grande naquele momento o esforço por defender a religião, segundo os autores Engelmann e Trevisan (2015), já havia entre pensadores como Marsílio de Pádua e Ockham, uma tendência à razão. Desse modo, aos poucos, depois de séculos de domínio da cultura da fé, foi acontecendo a transição para a cultura da razão.

Com isso, o homem se distanciou da religião, da Igreja que depois de aproximadamente mil anos, não conseguiu mais atuar de forma incisiva sobre a mente das pessoas. De acordo com Engelmann e Trevisan (2015, p. 98), “diante dessa realidade, a noção de liberdade se fortaleceu no homem, que se sentiu mais capaz de decidir sobre sua vida com base nas suas próprias convicções racionais”.

Engelmann e Trevisan (2015, p. 97) afirma ainda que houve “uma inversão de perspectiva em relação à Idade Média, que tinha a fé como base da orientação das ações humanas, embora houvesse também uma busca pela razão”. Mas, foi na Idade Moderna que a razão e a experiência passaram a ser os fundamentos do conhecimento, de um modo geral segundo Engelmann e Trevisan (2015).

Com o advento do Renascimento, que marcou o final da Idade Média e o início da Idade Moderna, entre os séculos XIV e XVI, como afirma Engelmann e Trevisan (2015), houve uma volta do espírito de investigação dos antigos gregos e romanos, onde enfatizaram o antropocentrismo.

Nas palavras de Engelmann e Trevisan (2015, p. 98), “aos poucos, a fé foi substituída pela razão e o homem percebeu que poderia resolver parte de seus problemas sem atribuí-los a Deus”.

2.4 FÉ E RAZÃO – EXISTE HARMONIA ENTRE AMBAS?

Quando em contato com estudos de Filosofia, Teologia, Antropologia, História e outros saberes na área de humanas, sempre se depara com perguntas clássicas que, segundo Neto (2012), acabam dividindo os seguimentos cristãos. Para o autor, são perguntas como:

Qual será a relação entre fé e razão? Existe algum consenso? Poderia alguém alcançar a verdade pela razão? Os marxistas, os humanistas cristãos e os racionalistas anticristãos vêm o tema como algo em contraste. (NETO, 2012, p. 154).

O presente trabalho de pesquisa não teve a intenção de encontrar todas as respostas para estas questões tão importantes. O interesse foi de descobrir se há na pós-modernidade uma relação, um nexos, entre a fé e a razão, e se há, em que nível, acontece.

Após a pesquisa percebeu-se que, a partir da Idade Média o discurso sobre a relação entre fé e razão foi ficando cada vez mais intenso. Segundo Almeida (2015), alguns dos chamados pais da Igreja, tinham o interesse de validar, consolidar através da filosofia (razão), a nova religião – a religião cristã.

Desde então, o confronto da fé e da razão passou por etapas de crise e conflito em razão de posições parciais ou de definições inexatas dos temas, o que dividia os antagonistas. De acordo com Almeida (2015), dentro da própria patrística havia desacordo em relação ao uso da filosofia para justificar a fé. Para os contrários à filosofia, segundo Almeida (2015), não era preciso filosofar para se chegar a Deus.

A presente pesquisa constatou que, para a religião de forma geral, a Filosofia, portanto a razão, parece ser a ciência da incredulidade, enquanto que para a Filosofia a religião se apresenta preconceituosa e desatualizada. Assim, esse embate entre razão e fé parece ser contínuo e percebeu-se que a verdade completa, não está em posse de nenhuma das duas doutrinas.

Diante de tantas perguntas em relação a fé e a razão e de respostas contrastantes, Neto (2012, p. 154) ressalta que “isso mostra do ponto de vista filosófico, imaturidade desmedida”.

Por outro lado, a pesquisa percebeu que uma análise histórica das fontes religiosas, e das doutrinas filosóficas, pode levar à atitude serena e objetiva de compreensão das diferenças

No período da Idade Média, como já discorreu anteriormente, período que corresponde aos anos do século V ao século XV, houve duas Escolas doutrinárias de cunho religioso-filosófico, a saber: A Patrística, que já foi aqui mencionada e a Escolástica.

“A Patrística diz respeito ao período que vai de meados do século IV ao século VIII, no qual os pensadores buscavam uma aproximação entre fé e razão” (ENGELMANN; TREVISAN, 2015, p. 78).

A segunda Escola da Idade Média – a Escolástica, trata-se de um conjunto de doutrinas e sistemas filosóficos e teológicos que emergiu, de acordo com Engelmann e Trevisan (2015), no século IX e se estendeu até ao século XVI. Seu principal representante foi Tomás de Aquino.

A Escolástica procurou sistematizar a filosofia, resgatando o pensamento do Filósofo Aristóteles conforme Engelmann e Trevisan (2015), onde Tomás de Aquino empregou esforço, também na tentativa de conciliar a fé e a razão.

No período da Escolástica surgiu algumas importantes Universidades na França, Itália e Inglaterra, segundo Engelmann e Trevisan (2015), essas Universidades tiveram um papel muito relevante para as discussões da época, a respeito do embate entre a fé e a razão.

Nas palavras de Engelmann e Trevisan (2015);

A principal marca da escolástica, e que a distingue da patrística, é que nesta última o esforço dos pensadores era para combater o paganismo e a heresia, pois o grupo de cristãos era a minoria, enquanto na escolástica eles passam a ser a maioria, de modo que a filosofia passa a mediar os conflitos internos da doutrina. Esses conflitos dividiram a escolástica em fases e em tendências. Uma corrente adotava a razão do sistema de Aristóteles, filósofo que ficou conhecido por intermédio dos árabes; outra se opunha com veemência a isso; e uma terceira harmonizava a fé e a razão, ainda que mantendo a razão em um plano hierarquicamente inferior ao da fé (ENGELMANN; TREVISAN, 2015, p. 78).

Em suma, “O debate em torno da fé e da razão ocupou um espaço importante na Idade Média, tendo em vista que o modelo de ideias da época priorizava a noção de Deus, enaltecendo as questões relacionadas à fé” (ENGELMANN; TREVISAN, 2015, p. 79).

Dessa forma, a relação entre a fé e a razão, se baseava na submissão desta última. Nas palavras de Engelmann e Trevisan (2015, p. 79), “a máxima predominante é ‘crer para compreender, e compreender para crer’”.

As primeiras tentativas de aproximar a fé e a razão se deu ainda no primeiro século da Era Cristã, com o surgimento de uma nova concepção religiosa – o cristianismo. A manifestação cristã sofreu forte influência do helenismo. Nas palavras de Almeida (2015) citando Gilson (2007), este momento foi decisivo. Para Gilson, foi João, o Evangelista de Jesus Cristo, o responsável pelos primeiros contatos entre helenismo e cristianismo. E o Apóstolo (de Jesus) Paulo, teria contribuído para a unidade entre religião e filosofia, ou, entre a fé e a razão.

No entanto, essa relação não é tranquila, ou seja, ela não ocorre sem conflitos, segundo Almeida (2015), ainda citando Gilson (2007), ela “acontece por meio de embates entre a filosofia, denominada pagã, e o ajuntamento de

filósofos convertidos, assim nascendo e se desenvolvendo o cristianismo (ALMEIDA, 2015, p. 77).

Em razão dessa conversão de filósofos e também de não filósofos, “a Igreja, por meio dos primeiros padres, precisavam acomodar os espíritos inquietos, isto é, fornecer respostas que pudessem, em algum momento, satisfazer a inquietação que resulta de um procedimento filosófico” (ALMEIDA, 2015, p. 78).

Vale ressaltar que “essa religião, no primeiro momento, foi perseguida, marginalizada e condenada publicamente” (ALMEIDA, 2015, p. 79).

Mas, de acordo com Almeida (2015), mesmo em meio às perseguições, a comunidade cristã cresceu, pois, os apóstolos de Jesus Cristo, possuíam também um discurso político. E assim, a Igreja que era perseguida, foi ganhando novos contornos até que se tornou a religião oficial.

Após sua profunda conversão, Agostinho que, nas palavras de (FARIA, 2017, p. 89), “compreende o homem em um contexto social, sempre vinculado com a sociedade em que está inserido”, e ainda segundo Faria (2017), Agostinho desenvolve o seguinte conceito antropológico: Para este pensador, o homem “está enraizado na fé e no relacionamento com o semelhante. Para ele, a convivência em sociedade faz com que o homem cresça e possa evoluir, tornando-se mais humano” (FARIA, 2017, p. 89).

Nesse momento, o filósofo cristão Agostinho, faz uso da razão como instrumento, “como metodologia para atingir a verdade e combater as heresias de seu tempo – entre elas, o próprio maniqueísmo, do qual foi seguidor, e também como um caminho para provar a existência de Deus” (FARIA, 2017, p. 89)

O Bispo de Hipona, Agostinho, mostrou um excelente caminho para uma discussão da relação entre a fé e a razão. Ou pelo menos, abriu “um excelente campo para o aprofundamento e a compreensão da Filosofia da Religião” como afirma Faria (2017, p. 91).

Para Santo Agostinho, como é chamado pelos católicos, “a fé e a razão estão em sintonia e se complementam” conforme Santidrián (1998) citado por (FARIA, 2017, p. 91).

Enfatizando a razão, naquele momento, o autor diz que, ela – “a razão é uma das vias para se chegar à essência da verdade, provar a existência de Deus

e intuir seus principais atributos – onipotência, onisciência, entre outros” (FARIA, 2017, p. 91).

O distanciamento às vezes claro e às vezes velado, entre a teologia (fé) e a ciência (razão), “se deve ao fato da necessidade de homem, como ser livre, buscar respostas às perguntas por demais necessárias quando enfrenta o vazio da solidão cósmica” (NETO, 2012, p. 26). Segundo o autor, nesta questão a ciência não ajudou muito, mas também não ficou à vontade com as respostas teológicas concludentes e simples. De um lado a razão se coloca dizendo que tem como saber tudo aquilo que se tem condição de fazer, porém, do outro lado, está a teologia, insistindo em querer fazer da razão, sua serva. “É a velha briga entre o ‘entender para crer’ ou o ‘crer para entender’” (NETO, 2012, p. 27).

A ciência reage investigando o fenômeno religioso e muitas vezes concluindo ser ele um reflexo da ignorância, da impotência, ou, do ponto de vista meramente racional e moral. Ou ainda, nas palavras do autor, “outros pensadores contemplam o sagrado como sendo contraposto ao profano” (NETO, 2012, p. 27).

Sobre o desfecho do atrito existente entre a tradição religiosa e a crítica moderna, Neto afirma que “O iluminismo destruiu o Deus que sanciona as instituições religiosas, mas, ao mesmo tempo, conseguiu o conceito de Deus e conservar a autêntica tradição da fé. A crise se transforma em nova oportunidade” (NETO, 2012, p. 27,28).

A renascença, os ideais iluministas e também a Reforma Protestante, de acordo com ele, proporcionaram o começo do processo da ciência moderna; contudo, segundo o autor ela não foi concebida desatrelada da mente religiosa cristã. Todavia, essa separação foi acontecendo aos poucos de tal forma que, nas palavras de (NETO, 2012, p. 28), “Esse ‘divórcio’ foi se tornando tão doentio, chegando ao extremo da separação quase que total entre o homem da ciência e o homem da religião.

Em suma, através da presente pesquisa, percebeu-se que, a discussão sobre a relação entre a fé e a razão continua nos dias atuais, e o nexos entre estes dois caminhos diferentes para se obter o conhecimento continua divergente. Apresenta-se como um problema perene, debate entre muitos estudiosos e piedosos. Para alguns, há uma perda da racionalidade entre os

cristãos, conforme (NETO, 2012). Para outros, existe certo abuso quanto ao uso do termo razão, tendo uma compreensão equivocada desse termo.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi fruto da reflexão filosófica que, ao longo curso se constituiu como importante, para tentar compreender a relação entre dois objetos de intensos estudos de muitos séculos e que continua atual.

No que se refere aos seus procedimentos práticos, este artigo é um estudo de natureza bibliográfica, desenvolvido sob o prisma da Filosofia da Religião, abordou a temática: fé e razão, na perspectiva cristã e teve a intenção de alcançar os objetivos propostos. A pesquisa foi realizada por meio da leitura sistemática e produção de fichamentos, a partir de livros, artigos, e fontes eletrônicas que abordam o tema proposto.

Os livros pesquisados que embasaram esta pesquisa são obras de autores envolvidos com os estudos de Filosofia do Centro Universitário Internacional, e esse foi um critério adotado para a escolha do material de pesquisas para a fundamentação. Também foram consultadas obras de autores teólogos e pastores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou através da investigação, da pesquisa bibliográfica, esclarecer, dar mais luz sobre a questão da suposta discrepância entre a fé e a razão, na perspectiva cristã. Desde a era medieval, quando religiosos se apropriaram da filosofia para validar o cristianismo, existe a discussão sobre o tema, por meio de indagações como: Qual será a relação entre fé e razão? Existe algum consenso? Poderia alguém alcançar a verdade pela razão? Ou seria somente pela fé?

Obviamente a pesquisa não obteve todas as respostas para estas questões e por isso, se limitou a resumir de forma muito sucinta suas descobertas.

Na idade média, período que compreende entre os séculos V e XV, o pensamento era voltado para a teologia, ao contrário do pensamento antigo, que

buscava o conhecimento pela racionalidade. Os filósofos da idade média defendiam certo ponto de encontro destas duas formas de conhecimento; fé e razão, porém, com tendência a privilegiar a primeira.

Contudo, mesmo sendo a religião muito defendida na cultura medieval, já havia entre alguns pensadores como Marsílio de Pádua e Ockham, uma tendência à razão. E no final desta era, a idade média, com o movimento chamado Renascença, surgiu pensadores, cientistas com Giordano Bruno, Copérnico, Johannes Kepler, Galileu, e Isaac Newton, que caminhavam para a modernidade, onde a razão teria maior expressividade, ou seja, o conhecimento seria alcançado através da investigação e da observação.

A partir de então, o pensamento já não era mais servo dos dogmas da Igreja pautada na religião cristã, mas, se fortaleceu nos pressupostos da ciência que se baseou na matemática, na filosofia, na física e na mecânica, com isso, ressuscitando, retornando ao pensamento racional.

Nesse contexto nasce o racionalismo, pensamento pautado na dúvida, defendido por René Descartes (1596-1650). Em seguida surge também o empirismo, que por seu turno, defendia o conhecimento através da experiência sensível, o que também contrariava os ideais cristãos daquele momento.

O fenômeno religioso é universal, ou seja, a religião que se trata de um conjunto de práticas e rituais que vão se perpetrando de geração em geração e que auxilia na aproximação com o sagrado (Deus, o absoluto, Força Superior), está presente em todas as sociedades de todos os tempos.

A fé, assim como a razão, tem suas características específicas bem definidas. Seria importante uma distinção entre o que a ciência pode e o que a ciência não pode tratar, ou seja, a ciência deve reconhecer seus próprios limites. A religião, também.

A palavra religião vem do latim *religare*, tem o significado de, ligar de novo. Já a palavra razão está geralmente, acompanhada de duas outras, ciência e filosofia, que surgiu como uma tentativa de superar os obstáculos originados de uma fé cega em narrativas de Homero e Hesíodo.

O fato é que, a partir de meados da chamada Idade Média, o discurso sobre a relação entre fé e razão foi ficando cada vez mais intenso. E esse confronto passou por etapas de crises e conflitos em razão de posições parciais ou de definições inexatas dos temas, o que dividia os antagonistas.

Do movimento renascentista em diante, aos poucos a fé foi sendo substituída pela razão e o homem percebeu que poderia resolver parte de seus problemas sem atribuí-los a Deus. Apesar de alguma discordância entre os cristãos sobre a possível harmonia entre a fé e a razão, há certa concordância sobre o tema. Geralmente defende-se uma valorização superior da fé sobre a razão, não a extinção desta ou daquela.

Santo Agostinho defendeu que a fé e a razão estão em sintonia e se complementam. É preciso ter a fé para se chegar à razão e com a razão, consegue se chegar à fé. Isso mostraria do ponto de vista filosófico, maturidade.

Em suma, a fé tem seu ponto de vista, a razão também. Porém, assim como os seres humanos são interdependentes, a fé e a razão também deveriam ser. Pois na verdade, o se percebeu é que, desde os tempos remotos, uma precisa da outra, em mais ou menos grau.

Por ser relevante, contingente e atual, sugere-se que aja o interesse pela continuidade da pesquisa. Há muito material bom, obras clássicas, modernas e contemporâneas que visam auxiliar os espíritos inquietos quanto a busca da verdade. Só a partir do conhecimento e da reflexão, os defensores da fé não desprezariam a razão e nem tampouco os que dão grande valor à razão, o fariam abstendo-se da fé.

É crer e entender agostiniano ainda atual, para que aja uma mudança da realidade, para se ter um mundo melhor, onde todos possam conviver em harmonia pautada na tolerância e no respeito, a fim de encontrar a felicidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antonio Charles Santiago. **Filosofia política**. Curitiba: InterSaberes, 2015.

ALMEIDA, João Ferreira de. **Revista e Atualizada no Brasil**. 2ª Ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD: Lisa, 1996.

ELGELMANN, A. Antonio; TREVISAN, F. Carlos. **Leitura e produção de textos filosóficos**. Curitiba: InterSaberes, 2015.

FARIA, Adriano Antônio. **Filosofia da religião**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

NETO, Manuel Sabino. **Filosofia da Religião**. Arapongas, PR: Editora Aleluia, 2012.

PASQUOTO, Augusto. **Razão e Fé – Reflexões para uma fé adulta**. Aparecida: Editora Santuário, 2015.

POLESI, Reginaldo. **Ética antiga e medieval**. Curitiba: InterSaberes, 2014.

SIMÕES, Mauro Cardoso. **Os caminhos da reflexão metafísica: fundamentação e crítica**. Curitiba: InterSaberes, 2015.